

# A EPOCA.

ANNO III.

PIAUHY.

ORGÃO CONSERVADOR.

Therezina, 7 de Fevereiro.



N.º 36.

1880.

Publica-se uma vez por semana.—As publicações pedidas serão convencionadas e devem vir legalmente responsabilizadas. — Jornalistas do mundo inteiro!... Despi-vos dos preconceitos nacionaes; denunciae todos os crimes. e nomeae os criminosos. — (Jouy). — ASSIGNATURAS:—Por um anno 10\$000 reis, e por semestre 5\$000;—pagamento adiantado.—Numero avulso—320 reis.

## A EPOCA.

Therezina, 6 de Fevereiro de 1880.

### Revolução de vintem.

A regeneração e a ganancia desmesurada dos homens das luvas de pellicas vão dando os fructos possiveis.

Os liberticidas, regeneradores de uma figa, derramam o sangue innocente, conseguindo por sobre destroços e ruinas o vintem do misero operario, que tem mulher e filhos á vestir!

Nada lhes sacia; nada lhes farta, ou enche o bandulho, barathro medonho, onde escoam-se todas as rendas da nação!

O ventre de um regenerador tem um bojo maior que o do cavallo de troya, e tem para o ouro a mesma attracção que o sorvedouro de Maelstron para os navios que lhe passam muitas milhas de distancia.

As victimas cahiram aos golpes da policia secreta; as garantias dos cidadãos foram suspensas; os jornaes, mesmo os primeiros órgãos da imprensa, renderam-se á discricção... e aquelles que lutaram com a corrupção, succubiram ao despotismo!

Como não podemos transcrever em nossas columnas o boletim do Paiz, onde vêm com minuciosidade narrados todos os promenores dos graves acontecimentos, que na corte do Imperio tiveram lugar nos dias 1, 2 e 3, abaixo transcrevemos do referido jornal os trechos de algumas cartas de correspondentes do Rio, por onde tem-se a medida do que houve e do que ainda poderá haver, apesar da cavallaria e dos fuzileiros navaes terem cumprido o seu dever!

E viva a liberdade e a felicidade deste povo que suspirava por um governo moralizado-liberal!

— Começamos esta dando-lhe em resumo conta das scenas, não sei se mais tristes que barbaras, com que a capital deste nossa patria desditosa estreou o anno que começa.

Já certamente o telegrapho, que aproxima as distancias com a velocidade do pensamento, deve ter feito conhecido ahi e em todo mundo quanto mais se ha degradado nestes ultimos dias o corrompido governo que nos rege.

E terá tambem annunciado como a corôa testemunha indifferente a audacia que campêa coberta de sangue, desafiando as iras e a maldicção do povo!

Passemos aos factos:

Não ignora V. como são já innumerables e pesados os impostos com que nos ha sobrecarregado a alta sciencia de uma meia duzia de estadistas mediocres.

Mas como nada farte a sede do liberalismo por dinheiro, appareceu em fins do anno passado, não o ultimo, é exacto, mas sem duvida o imposto mais estúpido que poderia suggerir á ganancia monetaria dos homens do poder!

Fallamos da taxa sobre transportes, aqui baptisada pelo nome ridiculo de imposto de vintem do camaradinho, em virtude do qual extorque o governo um misero vintem ainda ao pobre operario que, por economia de tempo, commette a grande asneira de tomar passagem n'um bond das nossas companhias ferro carril, vias

urbanas, para vir ganhar na cidade o pão amargo de cada dia.

Não é que o esdruxulo decreto apenas conhecido, não fosse logo sobejamente combatido pela imprensa fluminense unanime, que bem se poderá dizer propheta em anticipar lhe as funestas consequencias.

Mas o governo, em vez de reconsiderar esse acto que tantos clamores levantava, já dispunha as forças que devião fazel-o effectivo, ainda que n'um baptismo de sangue!

Ja se aproximando entretanto o dia 1.º de janeiro, quando começaria a cobrança da iniqua taxa.

Pelas queixas de uns, pelos protestos de outros, pela indignação de todos, bem ponde o governo medir o alcance fatal da sua caprichosa exigencia; surdo, porem, a tudo e a todos, arregimentava mais açodado as tropas que breve fariam vingar o despotismo distarçado em lei.

E tão calculado era já o proposito de fazer sentir a este povo que só elle presta para pagar impostos e nada mais, que reunindo-se este em um meeting no dia 28 do mez passado para ir representar a S. M. o Imperador contra a promulgção da taxa alludida, nem sequer soffreu a policia que a commissão designada para tal fim, tivesse a honra de ir fallar ao monarcha, sendo antes, commissão e povo enotados para bem longe das portas palacianas!

Por entre a effervescencia popular unisona sempre em seus protestos, raion emfim o primeiro dia de janeiro que todos aguardavam com justa inquietação.

E este governo violento não recuou diante dos seus planos sinistros! Só este pobre povo, que sabe ser terrivel em sua indignação, faltou uma vez ao seu dever.

Mas aquelle tinha por si a soldadesca bruta e desenfreada, que firmava inconsciente o imperio do despotismo, este, tão somente o desejo de se não deixar facilmente despojar de mais um vintem arrancado ás lagrimas da familia triste e empobrecida; aqualle dispunha das bayonetas, da polvora e das balas, bem de ante mão preparadas; este apenas do sentimento de liberdade que aliás lhe fervia bem fundo no coração!

Travou-se a luta e della resultou a morte de trez cidadãos — um brasileiro, um francez e um pelaco, alem de um crescido numero de feridos, o qual não se pode precisar.

Houve, confessamos, desatinos por parte do povo, mais estes não forão ainda a explosão do odio concentrado, e, quando muito, o fructo da natural resistencia desafiada pela ostentação da força d'esses mesmos de quem só se devia esperar exemplos de moderação e prudencia.

Forte, porem, como se mostrou o governo, ainda assim negou a policia os cadaveres de suas victimas aos parentes e amigos que os forão reclamar.

Que cobardia.

Temerem a vingança que aquelle sangue e aquelles labios emmudecidos para sempre poderiam talvez proclamar!

Mas isto que já é muito, ainda não é tudo.

O apparato bellico cresceu então como nunca, multiplicavão-se as prisões e muitas outras estão decretadas, avultando en-

tre ellas a do Dr. Lopes Trovão, principal redactor da *Gazeta da Noite*, cuja publicação, sem a minima formalidade legal está interrompida e a do Sr. José do Patrocínio, um dos redactores da *Gazeta de Noticias*, folhas estas que mais têm profligado os erros e arbitrariedades desse liberalissimo governo.

Em tão deploravel estado de cousas alguns homens seriamente devotados aos interesses reaes deste paiz, desejosos não só de restabelecer a ordem publica tão profundamente perturbada, mas ainda de prestar aos perseguidos a possivel e necessaria protecção, reunirão-se em 3 do corrente no escriptorio do senador Silveira da Motta, a convite deste.

Um abysmo, porem, cava outro abysmo; e mal teve a policia sciencia dessa reunião, aliás francamente annunciada pelos jornaes mais lidos d'esta Corte, mandou logo para alli grande força de imperiaes marinheiros, armados e promptos para combate.

Mas então, perguntarão todos, quaes eram os sediciosos que iam ali tramar contra a vida, a paz, a liberdade e a segurança do povo brasileiro?

Quem os temiveis revolucionarios que compunhão esse club perigoso assim mandado espionar e guardar pelas tropas do governo?

Joaquim Nabuco, Francisco Octaviano, Leoncio de Carvalho, ainda hontem ministro do actual gabinete, Baptista Pereira, Nunes Gonçalves, Costa Azevedo, e tantos outros cidadãos recommendaveis pelos sentimentos de ordem que os caracterisa e distingue, e a quem só a ignorancia mais grosseira e reinada pode sem pejo acoirar de revolucionarios.

Já no dia anterior uma commissão—Junta de Paz, inspirada nos mesmos principios, e á cuja frente achava-se collocado o illustre Dr. Ferreira de Menezes, procurára o Sr. conselheiro Paranaguá, ministro da guerra, para sob os auspicios de S. Exc. alcançar do governo imperial a suspensão do factal imposto já de si tão odioso e causa já de tantos males.

E S. Exc., depois de muita cousa bonita, concluiu pedindo á nobre commissão aconselhasse o povo que tivesse juizo, que se sujeitasse e que fizesse publico estar o governo decidido a fazer respeitar a lei.

Quem, pois, quiz a luta?

Donde a provocação?

Quem o unico responsavel pelo sangue que manchou para sempre a situação actual?

A resposta é intuitiva.

Pareceu nos n'este ponto ouvir ao leitor de seu jornal mimosear-nos com epithetos como estes:—Que conservador apaixonado! Ou melhor: Que republicano exaltado!

Não ha tal, e desde já lavramos o protesto mais solemne contra estas asserções inexatas.

Brasileiro, do que muito nos honramos, uma só é a nossa paixão partidaria: a do amor pelo engrandecimento d'esta terra abençoada, tão digna de melhor sorte, ao lado da veneração pelos filhos beneméritos, devéras interessados na sua prosperidade, a despeito do principio politico por que pugnam.

—Amamos a Constituição, amamos as

bornens que desejam fazer d'ella uma cousa seria.

Ora, a lei não considera sedição a reunião de povo desarmado em ordem a representar contra as injustiças, vexações e abusos dos funcionarios publicos.

Entretanto este gabinete impopular, a pretexto de sedicções imaginarias, esbordôa, fere, mata a população pacifica que se reunio para exercer uma das suas mais nobres faculdades.

Infeliz povo! Quando a tua soberania não passará de um simples nome!

Desditoso o paiz, em que se considera um revolucionario formidavel o cidadão mais pacifico.

Felizmente a tranquillidade publica fica restabelecida e não sei se precisa dizer-lhe que triumphou o vintem do Camaradinho.

Outras cartas escriptas do Rio de Janeiro.

Diz uma:

.....  
Todas as folhas, á excepção da *Gazeta* são inexatas, sendo escandalosamente mentirosos o *Diario Official* e o *Jornal do Commercio*. A proposito de *Jornal do Commercio*. Estas vingado!

O Castro (Luiz de) levou na rua do Ouvidor no dia 2.º mais tremenda e monumental pateada que jamais se deu neste mundo! Descia elle a rua do Ouvidor, todo vestido de branco, cerca de 4 1/2 da tarde, quando das grossas columnas de povo, que se estendia desde a porta do Reis até á rua dos Ourives, de ambos os lados da rua, rompeu a pateada. O homem não desmaiou por causa do grande medo que d'elle se apoderou. Estava palido como um cadaver e as pernas tremiam-lhe visivelmente!

O *Jornal* esteve ameaçado de ser apedrejado e empastellado.

Desde o dia 2 que a *Gazeta da Noite*, está suspensa arbitrariamente pela força da policia.

A soldadesca estabeleceu na casa da sua typographia e redacção uma especie de quartel.

Os redactores são perseguido pela policia e estão occultos, bem como o Patrocínio, para escaparem aos punhaes traiçoeiros da policia secreta, que tem ordem de os assassinar.

O Pindabyba tem-se mostrado um verdadeiro *Juiz de paz da roça*. Suspendeu por uma portaria a Constituição.

Só a *Gazeta de Noticias* protestou contra o attentado contra a liberdade da imprensa praticado com a *Gazeta da Noite*, *Jornal* e *Cruzeiro* nem uma palavra! Se amanhã fizerem o mesmo com elles, o governo terá o direito de dizer: «Procedo legalmente, pois quando o mesmo pratiquei com a *Gazeta da Noite*, vós sancionaste com o vosso silencio o nosso procedimento.»

As cousas por aqui não estão pacificas. Esta apparente serenidade, que a população mostra diante da força bruta do governo, não é senão a concentração de rancores que convida a meditação n'um plano de vingança, que será na primeira occasião executado com methodo, e portanto, com bom exito.

A indignação publica contra o governo e o Imperador manifesta-se em todas as classes, e o povo, outr'ora indifferente a

tudo quanto diz respeito a governo, agora não falla, não pensa em outra cousa. Os cafés, os pontos de reunião estão sempre insados de espíões de policia. Muitos figurões têm sido descobertos como espíões. O exercito, apezar das partes officiaes, está todo revoltado contra o governo; houve muita anarchia dentro dos quartéis e a bordo dos navios de guerra.

Se no dia 1.º de janeiro o Saldanha Marinho ou outro identico tivesse querido assumir a chefança do povo e exercito, a monarchia teria voado pelos ares.

Desgraçadamente acobardaram-se, e o povo accusa-os de charlatães que estão a espera do osso do governo. O Quintino com certeza, a vista do modo indifferente com que se portou, obterá desta vez a patota da estrada de ferro.

Emfim o tempo dirá qual será o resultado disto.

*Extractos de uma correspondencia do Rio com data de 5 do corrente para o «Diario do Gram Pará.»*

Voltando a comissão (da casa do ministerio da guerra) retomaram os factos a sua primitiva posição; aggressões e ferimentos, aglomeração do povo na rua da Uruguayana onde está a typographia e escriptorio da «Gazeta da Noite» cercada e dentro encurralados os seus redactores e muitos cidadãos.

A noite parte do 10.º batalhão começou a fraquear, e o povo dava vivas ao exercito e fóra ao governo.

Os animos exaltarão-se, o panico estendeu-se pela cidade, pois nunca se presenciou factos iguaes na capital do imperio.

O ministerio reunia o conselho de estado na secretaria da guerra, e pedia ao Imperador suspensão de garantias.

O monarcha negou-se assignar o decreto; o ministerio declarou sitio na cidade.

Assim passou-se a noite de 2; no dia 3, foi convocada pelo senador Silveira da Motta uma reunião em seu escriptorio.

Esta reunião de *salvação publica* teve lugar á rua do Carmo a 1 hora da tarde; para alli o governo mandou sua força.

Depois de entrarem os Srs. senadores Silveira da Motta; Nunes Gonçalves, Octaviano; e deputados Saldanha Marinho, Leônico de Carvalho, José da Costa Azevedo, João Baptista Pereira e Joaquim Nabuco, a tropa cercou as entradas da rua; e o povo agglomerou-se; mas todo em ordem.

Logo que sahiram do escriptorio os que para elle tinham entrado, o povo deu um viva a Saldanha Marinho, e este respondeu com outros ao *povo livre*. foi a senha: a tropa espaldeirou, feriu, atropelou e o povo respondeu na defensiva; resultaram muitos ferimentos e assim se passou o dia e a noite sem que o povo um só instante tenha abandonado o terreno.

Estamos sobre um vulcão; a segurança individual desapareceu, e ninguém pode afiançar pelo dia de amanhã.

No primeiro dia fizeram-se nove mortes, no segundo quatro, e no terceiro somente houveram ferimentos.

O ministerio de novo pediu ao Imperador suspensão de garantias e este negou-se a assignar o decreto, appareceu crise ministerial e foi chamado por telegramma o Sr. Paulino José Soares de Souza, e mais alguns chefes conservadores que estão ausentes.

A ordem não está ainda restabelecida, e o ministerio ainda agrava-a mais com sua pertinacia no poder.

Amanheceu o dia 4, dia chuvoso, mas o povo lá está, a tropa também, cercando a rua da Uruguayana, a «Gazeta da Noite».

O ministerio constantemente tem estado reunido, ora na secretaria da justiça, ora na da guerra.

Os officiaes da armada foram retidos em seus navios, não podendo vir a terra em passeio; foram chamados ao serviço todos os officiaes licenciados que existem na corte, e foram recolhidos aos seus corpos.

O Sr. Pindahyba de Mattos mandou por carta convidar á comparecer na secretaria de policia a comissão de paz que foi ao governo pedir a deposição do Sr. ministro da fazenda; a comissão respondeu que não era empregado publico; se S. Exc. desejava fallar-lhe comparecesse em seu escriptorio á rua do Rosario n. 86, esta casa porem foi cercada pela policia e todos que della sahiam, erão presos.

Os Srs. José Ferreira Nobre e João Francisco Soares, vereadores da Illm. camara municipal da corte, dirigiram um officio ao Sr. presidente da mesma pedindo a convocação de uma sessão extraordinaria e com urgencia para a camara deliberar o que lhe cumpre representar ao governo, sobre o estado de perturbação em que se acha esta capital.

Ahi tem o estado actual desta cidade; ahi tem a perturbação e sitio a que o capricho do governo tem levado este povo; agora pergunto, quem é que faz o barulho? quem é que se agglomera na praça publica?

Ninguém, são todos!

Percorra as massas populares, ande como eu por toda parte, e ouça o que se diz. Ha de encontrar muita sobre-casca de bom panno, muita camisa fina, muitos botões de brilhantes e muita fita na casa da casaca.

Quem é pois o povo?

Ali está; é aquella hydra de sete cabeças, que metamorphosea-se como e quando quer.

Canalha é o que menos se encontra, porque essa corre ao primeiro ruim dos sabres; o que fica é gente limpa, o que offerece resistencia é gente de gravata lavada, o que mette medo é a gente do colerinho em pé; o que é o povo pois?

São todas as classes sociaes reunidas e que formão a expressão da nação; essa não morre, essa não se extingue, se cahe um levantão-se dez, e nestas occasiões os mais perigosos são os mortos, assim como a peor das revoluções é a das trevas, que ninguém sabe donde parte.

*Cartas do Rio publicadas no Pará.*

«Estamos aqui como sardinha em tigel la. Desde o dia 1.º deste que esta capital tem sido o theatro de graves acontecimentos. O povo levantou-se afinal; e desta vez não foi para dar vaia ao Sr. Sinibú, foi para revogar uma lei estúpida. Ha quatro dias que atura o movimento revolucionario e promette longa existencia, visto a attitude que tem tomado em relação ao apoio que encontra na tropa.

«O governo está só: não conta com tropa para a sua defeza, e ainda assim insiste em se não retirar. O 7.º batalhão clama ás escancaras contra o governo e a favor do povo, está preso e vai ser desarmado; o batalhão naval revoltou-se no arsenal; quebrou bancos, louça e cadeiras, está preso parte delle. Os officiaes são todos do povo, foram recolhidos aos seus navios.

«A cavallaria não aggride, ao contrario tem sido ferida, faz o serviço, *pro formula*; o 10.º está faquejando, já no terceiro dia não investiu quando recebeu ordem para isso, resta a policia, o 1.º e o regimento de cavallaria real.

«O movimento popular augmenta, e eu não sei como conciliar hoje os animos sem ser por mudança de situação.

«Os conservadores estão todos na toca; nenhum apparece; tenho visto muitos liberaes e republicanos, mas, governistas e conservadores, nenhum; os primeiros não existem, e os segundos estão a espera que os chamem.

«O governo está só; não há uma só pessoa que falle em seu abono, e isto vai mal.

«Dizem me que espera-se gente de S. Paulo e Minas; se assim for estamos perdidos.

«O ministerio pediu ao Rei suspensão de garantias, e como este se negasse á dar-lhe, appareceu crise. Dizem ter sido chamado por telegramma Paulino, Cote-gipe e João Alfredo. Veremos isto em que vai dar.»

## SECÇÃO PARTICULAR.

### Príncipe Imperial.

AO GOVERNO E AO POVO.

A regeneração cahio dos labios dos ministros do gabinete de 5 de janeiro e foi annunciada a este baixo imperio pelas sonorissimas tubas da fama que precede á politica liberal sempre tão rica de idéas, mas continuamente infeliz na realisação dellas, quando consegue o poder.

Desgraçada regeneração; ou ella é uma mentira dos homens que invadiram de chofre as comiadas do poder.

Onde a realisação desse grandioso programma annunciado na aurora da actual situação politica e por seus declamadores na imprensa?

Quaes as reformas introduzidas ou realisadas por uma camara unanime em 10 mezes de sessões?

E o que vemos pelas miserimas provincias deste vastissimo imperio, especialmente nas do norte, tão esquecidas do centro da administração?

Proconsules, illustres desconhecidos, armados cavalheiros, e mandados para as provincias, para a consumação dos escandalos postos em pratica pelos patrões; para arruinares os seus cofres, perseguir os adversarios e arranjar o banquete dos orçamentos em que devem locupletar-se os afilhados, os parentes e mais destimidos instrumentos da perversidade politica.

O arbitrio, as violencias, o desrespeito ás leis e as autoridades; as delações infames, a prepotencia com todo o seu cortejo de attentados contra a vida, propriedade e honra do cidadão contra os seus direitos civis e politicos,—alçou o collo por toda parte e subjogou a nação, fazendo-a reconhecer o immenso poder do actual governo.

Que garantias nos restam depois desse descalabro geral?

Quem, contemplando o estado actual do paiz e das suas mais caras instituições, não se encherá de horrores e de sustos pelos seus destinos?

Os ultimos baluartes da segurança e defeza dos nossos direitos são assaltados pelos agentes da devastação; não é dado a este povo, immolado para abrandar as iras dos dominadores, procurar um abrigo no sanctuario da justiça, que o ponha a salvo da sêde de vingança de seus perseguidores, de mãos dadas com os agentes do poder.

Essa taboa de salvação vai-nos sendo arrebatada.

A administração da justiça, palladio dos direitos individuaes, torna-se cada dia mais embaraçosa, e vacilla de seus fundamentos, vendo-se invadida pela furia selvagem dos obreiros da famosa regeneração promettida do Olympo.

Quem, na presença deste quadro, não ha-de lamentar as afflições do povo, causadas pelas violencias sem numero, que todos os dias partem desse exercito de regeneradores espalhados por todos os angulos do paiz?

Se recorreremos as autoridades superiores das provincias, nossa palavra é suspeita por estarmos condemnados, nossas queixas não encontram reparo na administração, que deveria collocar-se sobranceira ás questões das pequenas localidades, e condemnar os excessos das autoridades inferiores, encarregadas da manutenção da ordem e garantia dos direitos dos cidadãos.

Está no dominio publico o facto escandaloso e perverso praticado por um grupo de pessoas, que na noite de 27 de dezembro ultimo insultou a primeira autoridade desta comarca, em consequencia de ter annullado a eleição municipal que em novembro se fez nesta villa.

Levado esse acontecimento á presença do Exm. vice-presidente da provincia, nenhuma providencia tomou, limitando-se a mandar ouvir o promotor publico, o delegado de policia e dous supplentes do juiz municipal, que promoveram os insultos e injurias, servindo se do portador que esses mesmos corripheus da situação dirigiram a presidencia, e devolvendo por intermedio delles o officio em que o Dr. juiz de direito (o injuriado) lhe referia o grave attentado de q' foi victima, mandando mesmo aberto um officio em que estranhou algumas palavras do digno magistrado, cujo officio foi por elles lido e divulgado antes de ser entregue ao destinatario!

Aprecie o governo e o publico esse procedimento da primeira autoridade da provincia, e que garantias pôde ter a autoridade, entregue á sanha brutal de taes agentes do governo.

Julgando-se acoberto de toda e qualquer repressão, os directores da politica liberal desta villa commettem todos os desatinos, sem haver um paradeiro aos seus desvarios.

Decretada a nullidade da eleição municipal, e pendente de recurso interposto para a relação, apezar disto os novos vereadores não trepidaram em entrar no exercicio das funções municipaes, conseguindo prestar juramento por procurador perante o presidente da camara de Independencia, reunindo-se em seguida em sessão ordinaria, ao mesmo tempo em que funciona a camara do quadriennio precedente, estabelecendo por este modo a anarchia e o regimen do absurdo.

E' impossivel deter semelhante gente na marcha infrene e de atropellos que vão levando, se a presidencia não tomar promptas providencias que contemham os anarchisadores desta villa, removendo os empregados que mais tem concorrido para todos estes escandalos.

Não consinta o Exm. vice-presidente, que tem nas mãos as redeas do carro administrativo, que a ordem publica vá desgarrada por individuos sem moralidade, que fazem ostentação de seus desmandos, não levando em conta o descrédito que com isto causam ao administrador da provincia, cuja benevolencia elles alardeiam.

Cumpra reprimil-os, para que fique sempre salvo o respeito á lei e ao principio da autoridade, condições de ordem e do mais elevado interesse publico.

Janeiro 15, 1880.

Y.

**Campo-maior, 12 de Janeiro de 1880.**  
**BELISCÕES.**

Era n'uma bonita noite de nossa terra.

Passava eu pela rua das Flores, e attentando para o *fofo e orgulhoso Maria dos Anjos Miaci*, este, parou estatelado na casa de seu inseparavel amigo *Zé Bravo*, como se engollesse um perú:

—Que é lá amigo? perguntou-lhe *Zé Bravo*.

—Já leu um artiguito de Campo-maior assignado pelo *Sentinella*?

—Em que numero da «Imprensa»?

—N.º 623 de 30 do mez p. passado: aqui o trago!

—Mil vezes obrigado: disse *Zé Bravo*.

—Antes de tudo, leia os *traços biographicos*, que vem no supplemento.

—Oh! isto é uma couza prodigiosa!

De repente ouviu-se uma voz semelhante a do *sangra macaco* que expressou-se da maneira seguinte: «E' realmente digna de riso, senão de verdadeira infamia—a posição em que se colloca por *fofo* e triste ostentação o *chefe Maria dos Anjos* desta terra: causa dó, porque de outro sentimento não pode ser realmente credor o ridiculo manejo estrategico com que procura afastar os obstaculos que se oppõem a sua ascensão ao capitolio de *certa chefia*, mandando os seus *espoletas* praticarem todas as sortes de desatinos; até mesmo, consentindo e applaudindo entrarem no sacario da familia de alguém, que felizmente é *filho legitimo de um só pai*, e não de *tres como o Sr. Maria dos Anjos*, sem reparar se quer no riso de desdem que se desliza na face da população desta villa ao contemplal-o como verdadeira *nihiidade e aos seus ridiculos espoletas*, que nada fazem ou escrevem, sem previamente obterem o seu beneplacito e...»

—Calai-vos oh! musa! respondeu *Zé Bravo*.

—Silencio sepulcral, por duas horas.

O *Sr. Maria dos Anjos* (envergonhadissimo e limpando os dois pares de *oculos*, introduziu os no rombo nariz) exclama: Leia a *nojenta correspondencia assignada pelo Sentinella*.

—Sem duvida, responde *Zé Bravo*: O pseudonimo *Sentinella*, com que desgraçada e modestamente se subscreeva o seu auctor, esconde, segundo dizem, uma intelligencia de *adulador perito* e experimentado e uma dedicação a toda a prova.

—Começa pelos decantados *arrosinhos de cabeça feito ao bem conhecido Mariano da Silva Araujo, pelo nunca menos conhecido capitão José Hygino, das Mestiças*.

—Responde o *insigne Maria dos Anjos*: Silencio, oh! que injustiça clamorosa! lêde povo os ns. 84, 86, 87 do jornal «Epoca», que encontrareis a pura realidade!

—Agora, *Zé Bravo*, vou ver o meu *armazem antigo*, o em que se dera o roubo das letras da *defuncta Miaci*. *Au revoir*. (sabe)

—Depois das barretadas repetidas na sabida do *fofo amigo*, continuou o nosso *Zé Bravo* em sua amavel leitura, quando paira estupefacto no seguinte trecho—*embargarem a nomeação de supplente do juiz municipal desta localidade e...*

Ouvio-se uma voz pausada como a do *Barba Ruiva*, que dizia: «O feroz *Mesticheiro* feito juiz, já agora nada vemos de estranhavel, nós os homens afeitos a descobrir e estudar *os aduladores do Maria dos Anjos*; com tudo, revolta-nos, horrorisa-nos escolher-se um *monstro ignorante* para vingarse de seus desafectos com a toga de juiz; mas não nos surpreende.»

«O que nos surpreende, porem, o que nos faz mesmo descrever da boafé de muitos e do pudor de alguns, é que haja inda hoje em Campo-maior quem possa levantar-se, quem tenha bastante coragem para fazel-o; e diante das *patadas eulalicas* dizer que é o *Maria dos Anjos* um chefe proficuo, util e aproveitavel; que este Sr. é ainda um *grande politico, um typo de moralidade intellectual e de chefe, fazendo tal juiz.*»

«Isto, sim, é o que nos surpreende, o que nos vem acordar á piedade no fundo do espirito para encarar todo o horror de atrocidades e misereras perseguições.»

—Calai-vos oh! musa imprudente, disse *Zé Bravo* e com o seguinte trecho: *Dizem que é autor de todas estas verdades certo individuo conhecido por Fuãozinho, que mancomunado com seu apaniguado Sabugo...* dando uma estrepitosa gargalhada o nosso *Zé Bravo* disse referir-se esse trecho ao distincto major Costa Araujo e ao *escrivão de orphãos João Joaquim Mendes da Rocha*.

—Não ria-se, bradou uma voz igual a de *Manoel Francisco braço cortado*, que expressou-se assim: «Sim! a *cobra mesticheira* não procura a sua victima: deita o bote naquella que primeiro se lhe chega. O sangue em que deve inocular-se o seu veneno por achar ruim ou bom, nada influe no sentido de suspender-lhe o astucioso bote; ella apenas indaga se tem elle o mesmo sabor e a mesma cor e é quanto basta!»

«Certamente é este o papel do miseravel *Sentinella*; por outra: o *Sentinella* é certamente a imagem fiel dessa especie de cobra. Desculpe-me o *Sentinella* esta verdade franca—já que sem considerar as consequencias de seu escripto ou pasquim, ceden a im pressão momentanea, para atrevidamente arremessar-se sobre a reputação do major Costa Araujo e do *escrivão Mendes da Rocha*, que tem sabido collocar-se acima das *ladroeiras, fofices e infamias* locais, sem denegrir o conceito em que são tidos.»

«Estes dois Srs. apenas tem defendido os direitos do pobre povo, que tão barbaramente são postergados pelo *chefe Maria dos Anjos*.

«Estes dois Srs., de sentimentos nobres e humanitarios, constantemente alção sua voz contra o misero estado de perseguição a que tem reduzi-

do o pobre povo desta villa, o *chefe Maria dos Anjos*.

«Estes dois Srs. tem ainda arrancado a victima das garras de um douto orgulhoso, que de todo o seu passado se esquece para só se lembrar que quer fazer jus a uma *chefia*, que desgraçadamente tem sido dada nestes ultimos tempos por uma *libra de fofice e estupidez* inqualificavel!»

«Estes dous Srs. não tem medo de seus pares de *oculos* em outros *respeitaveis narizes*, quanto mais, dois em *nariz de quadrupede.*»

Calai-vos, basta, oh! musa de todos os demos! replicou *Zé Bravo*, que orgulhosamente leu o trecho seguinte: *Como juiz se acha sobrecarregado de crimes de responsabilidade e no entanto vai passando impunemente vida folgada: acrescentou Zé Bravo, muito bem dito, bravissimo, é isto com o juiz municipal Costa Araujo.*

—Exclamou uma voz suave, como a da *infeliz Adelaide*, e gritou: «E' isto uma virulenta accusação, uma torpe calumnia que sacode o *infeliz Sentinella* sobre o integro juiz municipal major Costa Araujo, emprestando-lhe qualidades que não lhe são proprias egualmente reconhecidas, felizmente os feitos d'este senhor eleva-o e não o rebaixa a degradação de torpezas e infamias, como soem acontecer aos *Marias dos Anjos, Zé Bravos*, e outras miseraveis entidades que vivem simplesmente pela infamia e para a corrupção politica de barbaria selvagem: felizmente, o major Costa Araujo em toda a sua vida social, particular, publica ou politica não se lhe pode apresentar um acto que o desabone de leve e ai d'elle se tivesse, por que já teria tido a sorte do homem que foi morrer na fazenda do Peixe!»

—Não mais oh! musa intoleravel! continuando a lêr *Zé Bravo* disse o trecho seguinte: *se lhe pode lembrar os assassinatos dos infelizes Jorge e João Leal*:—Respondeu uma voz parecidissima com a de *Justino de Queirós* e disse: «E' preciso demasiado sangue frio realmente para encerrar sem tremer de indignação, tanta perversidade, tanta mentira do *miseravel sentinella*; é preciso mesmo certo grau de elevada coragem e resignação para lêr-se *escriptos* diffamadores em defeza do morto e mitissimo conhecido *capitão José Hygino*.

Voltaremos ao nosso heroe *Zé Bravo*.

Quaes são os seus instinctos e os de sua familia? Oh! E' horrivel dizel-o:

—São—*cadaveres!*

Qual é a *paixão* dominante d'este *malvado* e dos seus ascetes?

Oh! E' medonho escrever-se!

—E' *sangue*, simplesmente *sangue!* *Sangue e cadaveres!* Eis a *synthese* do *Zé Bravo!* Este *Néro* que se diz *inspiração eulalica!* este *Agathocles* que se finge o fiel da balança da innocencia e moralidade! Este *Caboche* que se apregoa exemplo de bondade e virtude, no meio da sociedade, que cega, não vê que n'elle só se representa a imagem do crime, que nelle só se reflecte a cor sinistra da morte!

Quem se não lembra do *infeliz Manoel Francisco, o braço cortado?* Quem esqueceu-se do *Barba Ruiva?* Quem se não lembra da *desditosa Adelaide* e do *Sangra Macaco?* Quem se esque-

ceu do *infeliz Queiroz, Manoel Coringa*, e o morador do *Cupim?*

Estes factos estão bem proximos e conhecidos para que possa tão depressa *Zé Bravo* olvidar-se!»

—Jamais, prosegui oh! musa historica! disse o nosso *Zé Bravo* lendo o trecho seguinte: *o tal sabujo que se inculca innocente, devia ha muito estar no carcere.*

Salto uma voz, semelhante a do *Manoel Coringa*, que ainda acha-se de *cocora* e exclamou: «No carcere devia estar a *mãe do Zé Bravo*, como ainda hoje reclama a pobre *Adelaide*, no carcere devia estar o *perverso Barros*, como ainda hoje reclama o *infeliz Queiroz*, no carcere devia estar o *exquisito pai de Zé Bravo*, como ainda hoje reclama *Manoel Francisco, o braço cortado*; finalmente no carcere devia estar o mesmo *perverso Zé Bravo* como ainda hoje reclama o *Barba Ruiva, o homem do Cupim* e outros!!!»

—Calai-vos oh! musa indiabrada!

—N'esta occasião entra o *José Caneca ou Cerca velha* e depois dos abraços de *colleguismo* pergunta com um ar de *palhaço*:

—Que differença ha entre *Zé Bravo* e o seu parente e amigo *Maria dos Anjos?*

—Muita, responde *Zé Bravo*: eu sou *filho legitimo* e *Maria dos Anjos* é *filho das hervas*.

—Reclama *José Caneco*; então é *ortiga?* Que differença mais?

Eu sou *filho de um só homem* que morreu fora d'aqui, e *Maria dos Anjos* é *filho de tres pais* e alimenta-se simplesmente de *fofice*.

Já estando enfadado de dar *beliscões* e desejando voltar ao resto da *peixeira correspondencia do sentinella*; lembro aos leitores o que dizia o grande *Juvenal*: «*que não ha indulgencia mais tola que perdoar com silencio a infinita recua de burros que de toda parte embicam e esbarram no homem sensato.*»

E' verdade que os *beliscões* não emendão aos *cynicos Zé Bravo e Maria dos Anjos*, assim como não farão elles envergonhar-se, por já haverem perdido o verniz do *estanhado da cara*.

E já que estou finalizando os meus *beliscões*, não me limitarei só a pintar o *estouvado Zé Bravo* e o *fofo e co-barde Maria dos Anjos*; dir-lhes-hei tambem: Procurai todos meus abocanhar os espiritos dos que se achão sob a pressão das tyrantias do vosso mando; envidai todos os esforços possiveis, procurai mesmo o vosso *espoleta José Caneca ou Cerca velha*; mas, a queda, a queda será inevitl: o argumento da verdade ha de vencer as estudadas *manhas e mentiras* de que vos tiverdes servido para manchar a reputação do exemplar major Costa Araujo e seu dedicado amigo Mendes da Rocha, que obstarão as vossas atrocidades, infamias e desmandos.

Sei que o heroe das *biographias*, vidas intimas de familia e mais *miserias* escriptas d'esta villa no jornal *Imprensa* são mandadas inserir por um *fofo e pedante coronel*, que em breves tempos trarei a sua misera e nojenta chronica ao conhecimento dos homens sensatos.

O cabo da guarda.

**Campe-maior, 14 de janeiro de 1880.**

Hoje deu-se n'esta villa um facto tão contristador quão escandaloso pelas circumstancias que o revestem.

Somos conservadores e por esta razão, está em nosso dever pugnar pela sustentação dos direitos d'aquelles que não tem a felicidade de merecer a protecção do Sr. coronel Antonio Maria Eulalio, o verdadeiro e verdadeirissimo chefe liberal d'esta villa, quer se trate de conservadores, quer de liberaes, quer de religião, quer de empregados publicos.

Consta-nos haver sido hoje atrocamente insultada a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta Vianna de Noronha Moura, professora publica d'esta localidade, por uma filha de jerusalem denominada Rosalina de tal, que osadamente entrara na casa de morada da professora e arrumara-lhe um montão de palavras injuriosas e indecentes.

Este facto é grave e sua gravidade dobra tanto mais quanto se trata de uma viuva honesta, mãe virtuosa, professora publica, sobre quem não deve cabir o menor vislumbre de suspeita, por ser ella viuva de um liberal que immortalizou o seu nome, (\*) e ser ainda recommendada do Sr. coronel Antonio Eulalio, que, segundo dizem, estava na porta de seu armazem, que fica proximo a casa da Exm.<sup>a</sup> professora, e parecia deliciar-se com a lucta insultuosa, como um romano n'um Arco de Gladiadores; limitando-se apenas em limpar e relimpar os oculos para melhor presenciar.

Achando-se n'esta villa o Sr. Francisco Pedro de Sampaio, como parte da instrucção publica compareceu em casa da Exm.<sup>a</sup> professora, e ouvindo d'esta o succedido, aconselhou-a que participasse officialmente ao digno inspector litterario tenente-coronel Bonna Primo. Effectivamente assim o fez, juntando o officio recebido a este um seu, em que pedia providencias sobre este triste acontecimento ao de legado Coriolano Diodilio Prates.

A psychologia é, como se sabe, uma parte da logica que insina o homem a se conhecer.

Infelizmente não conhecendo o delegado os seus deveres a respeito do facto, e sendo de praxe não se mover n'esta villa uma palha sem o consentimento do coronel Eulalio, dirigio-se a casa deste, narrou-lhe o occorrido, que já não o ignorava, e por melhores desejos que tivesse e maiores esforços que empregasse não foi-lhe possivel obter o beneplacito ou concurso.

Este Campe-maior tem de bom uma cousa: a rapidez com que certas autoridades despachão todos os negocios indifferentes ao coronel Eulalio.

Pois sem a menor cerimonia passou o Sr. Coriolano o exercicio de sua delegacia para o seu substituto, capitão Aureliano, que de coração aconselhamos de não procurar a intervenção do coronel Eulalio em tal questão, por dizerem alguns meninos ser elle o protector e administrador d'esta filha de Jerusaleim, Rosalina de tal!

Esta protecção, dizem ser um privilegio dos bemfeitores da humanidade orgulhosa e fôfa!

(\*) Viuva do finado Dr. Deolindo Moura, que, quando vivo, foi o orgulho e sustentaculo da liberalidade.

(Da redacção.)

Bem, se a Exm.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta, como professora publica é merecedora de consideração, como virtuosa mãe de familia não é menos digna de nosso profundo respeito; para o que chamamos a attenção do Exm. Sr. presidente da provincia, Dr. chefe de policia e director da instrucção publica, para providenciarem a respeito; afim de que não seja desmoralizada uma mãe de familia e a instrucção publica do sexo feminino d'esta villa, e não conte mais esta gloria o chefe liberal coronel Eulalio, que, segundo dizem, é o responsavel de quantos abusos ha infelizmente nesta villa digna de melhor sorte e melhor chefe.

**O cabo da guarda.**

**Jalcós.**

Precisa-se de uma patente de capitão e paga-se por bom dinheiro.

O velho vigario mettu o Quinquim no côfo. Encarregou-se de mandar comprar em Theresina uma patente de capitão, porem a cuja — cá não veio!...

No tempo designado para estar ella aqui, o Quinquim mandou o cobre para o pagamento respectivo; mas não tendo havido lugar a nomeação, um gaiato que observava isto, sorrindo-se maliciosamente, disse que podião remediar aquella falta, comprando-se uma das patentes ou do finado capitão Estevão, ou do finado capitão Vicente. Outro gaiato que estava cosido á parede, dando uma formidavel gargalhada, gritou: tibi!... nunca vi se vender patente!

E eu, que tambem por acaso ia passando, e que ria-me á não poder mais, disse logo: officiaes desta natureza não prestão!... os officiaes que servem são assim como por exemplo: o

**Xico pedreiro.**

**Jalcós.**

O velho vigario, coitado, nestes ultimos tempos tem-se visto em talas; os mininos não deixão-no por o pé em rama verde. Foi afinal descoberto que S. Rvm. para illudir a boa fé de alguns co-religionarios mostrou-lhes as propostas que havia mandado fazer para officiaes da guarda nacional, porem logo que vio-se as sós, poz-se á considerar consigo mesmo, e então tomando um lapis entre os dedos, ia fazendo o signal da cruz sobre a testa dos que devião em primeiro lugar receber a sagração de sua graça (que caçoada...) Ah! mitrado... com a maior serenidade, e com aquelle sardonico sorriso que o caracteriza, embulhando de latin com francez, notava assim: « *venite primierement sans delai le argent en recompense de la grace.* »

Ao Quinquim de Pio 9.<sup>o</sup> ( não lhe valeu ser o lugar do nome de S. Santidade), e José Francisco Alves da Luz, cidadão aliás distincto e de excellentes qualidades, reconhecidas pelos seus proprios adversarios; e outros muitos que, sem Luz ou Luizes ( moeda franceza ) que podesse reluzir com o seu esplendido reflexo as mãos puras (limpas, ou sem cobres) de S. Rvm., que segundo a leitura dos vadios — vive na espinha, não tiverão por encomendação ou suffragio — se não

a mortalha em folha de papel em branco, que servia de proposta, e que foi traduzida nestes termos: « Bem como esta folha de papel que nada comtem, assim tornar-se ha a pretendida nomeação com que sabiamente te illudi. » Se não estiver bem traduzido, sugeito-me á aceitar outra traducção, podendo o sabio traductor dirigir-se ao espião que tudo isto observou olhando de cima dos paredões da igreja do

**Rosario.**

QUADRO demonstrativo do movimento do hospital do Morre de Santo Antonio de 16 de junho de 1879, data de sua fundação, á 21 de janeiro de 1880, quando foi dissolvido.

BAILARÃO	2.498	TIVERÃO ALTA COMPLETAMENTE REHABILITADOS.	1.340	TIVERÃO ALTA EVADIRÃO-SE DAS INFIRMARIAS.	47	TIVERÃO ALTA A PRISCO.	73	FALLECERÃO	448	FORÃO TRANSFERIDOS PARA ESTA CAPITAL.	50	TOTAL.	3.396
----------	-------	---	-------	---	----	------------------------	----	------------	-----	---------------------------------------	----	--------	-------

Dr. Ramundo de Arca Leão.  
Medico encarregado do hospital.

Theresina 21 de janeiro de 1880.

Um amigo do Sr. John Robertson pedia-nos a seguinte publicação:

**Defeza a Providade.**

Sr. redactor Vindo amen puder hum jornal denominado Epoca n.º 95, nelle deparei um artigo, que fere a pessoas que tem por Direito serem mais respeitadas, tanto pelas suas idades como pela Estimativa do respeito publico a palavra Honra todos os Dias he assassinada, e Providade haichou a sepultura Junto com os restos mortaes de Catfo salvo siesta plantada nas margens do Rye Moucha

O amigo clandestino.

**NOTICIARIO.**

**Consortio.**—No dia 24 do mez passado teve lugar na capital do Maranhão o do nosso prezado amigo e collega de redacção, Dr. Theodoro Alves Pacheco, com a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ignez Roza Vianna e Pacheco.

Felicitemos ao nosso referido amigo pelo seu novo estado, desejando que nelle o futuro lhe seja propicio.

Igualmente complimentamos pelo venturoso enlace de seu filho e cunhado aos nossos amigos capitães—José Felix Alves Pacheco e Gabriel Luiz Ferreira e suas dignas esposas.

**Obito notavel.**—Na capital do Maranhão deu-se no dia 11 do proximo passado o do Dr. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena, com justa razão reputado um dos mais notaveis juriconsultos brazileiros, brioso advogado, cuja banca jamais foi poltuida pela mercancia, ou pela desmesurada ambição, que acham abrigo no seio das almas pequeninas. O Brazil, e especialmente o Maranhão, onde o finado tinha ha muitos annos estabelecido sua banca de advogado, com justo motivo pranteia a perda quasi que irreparavel da grande illustração, que o gelido sopro da morte acaba de mergulhar nas entranhas da terra!

Possuidos tambem do maior sentimento por tão lamentavel acontecimento, carpinimos sobre sua lousa humedecida uma lagrima de saudade e gratidão

A' sua illustre familia enviamos nossos peza-

mes.  
**Outro.**—No dia 7, tambem do passado, den-se na cidade do Recife o do major José Cesarão do Rego, tio da digna e respeitavel esposa do nosso collega de redacção Dr. Simplicio Coelho de Rezende, por cujo motivo sentimentamol-o e a sua digna senhora.

A respeito de tão infaustoso successo diz o «Tempo» de Pernambuco o seguinte:

«PASSAMENTO.—No dia 7 do corrente rende a alma ao Creador o nosso prestimoso amigo major José Cesarão do Rego, victima de antiga padecimentos.

O illustre finado prestou sempre os mais relevantes serviços á causa do partido conservador e exerceu diversos cargos de eleição popular, sendo um dos vereadores, suspensos em 1878 pelo Sr. Adolpho de Barros.

Lamentando muito sinceramente a morte de tão distincto correligionario, damos os nossos peza-mes a sua Exm.<sup>a</sup> familia.

**Ainda outro.**—Na capital do Imperio, falleceu igualmente o Dr. Manoel Pedro Cardoso Vieira, deputado geral pela Parahyba do Norte. Moço ainda, foi o illustre finado um dos poucos, que na camara temporaria distinguira-se, ostentando nobreza de caracter e independencia no meio da corrupção quasi geral.

**Attenção.**—Chamamos a dos nossos leitores para um artigo de Principe Imperial, publicado em outra secção: vejam e admirem como vai ali a regeneração e como procedem as autoridades superiores da provincia. Camaras juramentadas por procuradores e empossadas pelo presidente da do municipio limitrophe, como se se tratasse de uma camara installada pela primeira vez.

**Manual da Guarda Nacional.**—Publicou com este titulo o capitão Miguel de Souza Borges Leal Castello-branco um folheto, contendo a lei que reformou a guarda nacional, o Reg. que a organison, seguido do districtamento dos diversos comandos superiores desta provincia, avisos do Executivo etc; obra util aquelles que pertencerem a officialidade dessa milicia. Agradecemos ao autor o exemplar que offerlou-nos.

**Entre nós**—Estiverão os nossos amigos capitães Antonio José Baptista, Felizardo José Baptista e José Gabriel Baptista, importantes lavradores e fazendeiros, residentes no termo de Amarante.

Desejamos que regressem sem inconvenientes aos lugares em que morão.

**Assassinato em Minas.**—Lê-se no Arauto de Minas.

«VICTIMA ILLUSTRE.—Acaba de fallecer na cidade de Serro o Dr. Pedro Fernandes Pereira Corrêa. Quando o partido conservador chorava ainda a morte do honrado Modesto Barbalho, victima do punhal assassino da policia da Conceição, é surprehendido pela morte do Dr. Pedro.

Como sabem todos, o Dr. Pedro foi a tempos, em pleno dia, e em um dos lugares mais publicos do Serro, scommettido pelo subdelegado e por elle esfaqueado. Taes ferimentos, em numero de sete, foram considerados graves, e em consequencia delles, falleceu depois de muitos soffrimentos o offendido. O Dr. Pedro era um dos moços de mais talento de nossa provincia. Seus companheiros de academia invejavam sua vasta intelligencia e eloquencia apurada.

E' um homem destes que morre victima do punhal de uma auctoridade!

Em que epoca estamos, e debaixo de que lei vivemos?

Pôde continuar este estado de cousas?

**Jalcós.** ( Ultima hora ) — São pouco satisfactorias as noticias que acabamos de receber desta localidade.

As autoridades, especialmente o juiz de direito da comarca, Dr. Alfredo Teixeira Mendes, procedem leviana e inconvenientemente, de modo a provocar conflictos e disturbios.

Este, como possosso, grita, vocifera pelas ruas, pelos corredores da igreja, por toda parte que dará até no cõo da bocca dos conservadores, se elles tiverem o arrojo de envolver seu nome nas narrativas das tristes scenas que ali provoca.

Realise-se a ameaça, não deixaremos de publicar os factos e analysar o procedimento irreflectido desse moço sem juizo, que é o primeiro responsavel pelo que hora se dá em sua comarca!

Da junta de qualificação de votantes, illegalmente eleita, exclurão um mesario conservador e fizeram-no *ex-abrupto*. Da lista dos jurados eliminou o juiz de direito quasi todos os conservadores; e, alem disto, tolhen-lhes o recurso, porque tudo fez clandestinamente, e conta levar a effecto taes escandalos, porque diz que de suas decidoes não ha apello nem agravo.

E' milindroso o estado de Jalcós; os animos estão exaltados e as autoridades provocão a publica indignação. O juiz de direito, o promotor, o vigario &, homens partidarios em excesso, eivados de odios, entendem que o massacre é a melhor arma de vencer o adversario. Fazem tudo quanto o despeito lhes dita.

Pedirão para aqui forga armada para conter os turbulentos, quando elles é que devem ser contidos.

Pedirão a demissão ou remoção do professor publico, a quem cobrirão de baldões, a quem calumniarão atrocmente.

Pedirão, finalmente, outras providencias em ordem a armarem-se de mãos e pés.

Não podemos hoje ser mais extensos. Diremos somente: fação tudo; apremem bem a paciencia das victimas e depois... mandem arrastal-as a cadeia.